



RÁ-TIM-BUM – SENTA, QUE LÁ VEM A HISTÓRIA¹

Andréia Maria da Silva²

Diogo Lázaro Gusmão³

Renata Dutra Viana⁴

Roseane Cristina Batista Albuquerque⁵

Centro Universitário Fieo – UNIFIEO

Professores Orientadores:

Paula Cristina Veneroso

Jorge Grinspum

¹ Trabalho apresentado ao Expocom, na divisão temática de Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo (andrea.mars@ig.com.br)

³ Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo (diogogusmao@hotmail.com)

⁴ Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo (redutra_jo@yahoo.com.br)

⁵ Formada em Secretariado Técnico e Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo (roseanealbuquerque@ibest.com.br)



“Rá-Tim-Bum – Senta que lá vem a história”, apresentará o histórico da produção de um dos programas infantis de maior sucesso da televisão brasileira, o *Rá-Tim-Bum*, produzido pela TV Cultura de São Paulo. Neste vídeo-documentário mostramos como esse programa foi produzido, os seus responsáveis, quais os profissionais envolvidos e qual o intuito do programa que aguça a formação psíquica e intelectual da criança.

Palavra Chave:

Televisão Brasileira; TV Educativa; Criança; Programa Infantil; Programa Rá-Tim-Bum.



Ao “zaparmos” a TV aberta em busca de programas dirigidos ao público infantil, certamente encontraremos inúmeros deles. Porém, são poucos aqueles que, além de entretenimento, oferecerão princípios básicos de educação aos telespectadores.

Percebendo o pequeno número de programas educativos na TV aberta do Brasil, encontraremos também um programa que possui características educacionais com vistas ao desenvolvimento intelectual-social da criança.

Criado em 1990, o Rá-Tim-Bum é um projeto que envolve produtores de TV, roteiristas, cineastas e atores, além de equipe de profissionais da área da pedagogia, que consegue ensinar enquanto diverte.

Ele representou a inovação no formato de programas infantis, com objetivo de complementar a pré-escola, muito precária na década de 80; regado de muitos objetivos pedagógicos, o programa abriu as portas para uma série de outros semelhantes, também com objetivos educativos produzidos a partir dele, como por exemplo, o Castelo Rá-Tim-Bum, X Tudo, Cocoricó e a Ilha Rá-Tim-Bum.

Para complementar o trabalho de pesquisa, realizamos um vídeo documentário, com o intuito de demonstrar como o programa foi produzido, quem são os responsáveis pela criação, quais os participantes e qual o cerne desse programa, que foge do senso comum de outras programações em emissoras comerciais, e passa a ser complemento para a formação psíquica e intelectual da criança.

O vídeo documentário conta com entrevistas dos principais profissionais envolvidos no processo de criação do programa, como por exemplo, Fernando Meirelles, Flavio de Souza, Célia Regina, entre outros. O vídeo apresenta o que o programa significou e o que representou para a televisão brasileira, dá ênfase a produção, aos personagens e ao conteúdo pedagógico, tudo narrado por aqueles que participaram deste projeto.

Rá-Tim-Bum

O programa

O programa Rá-Tim-Bum começou a ser produzido pela TV Cultura em 1989 e foi ao ar pela primeira vez em 5 de fevereiro de 1990 em três horários: às 9h, 15h e 19h.

Esta estratégia de veiculação pretende alcançar o maior número de crianças possível, incluindo um horário no início da noite, sugerindo



que pais e filhos assistam a série juntos. (Programa Rá-Tim-Bum, material interno, 05/02/1990).

A série foi a primeira a ser produzida em parceria com a Fiesp, a Ciesp e o Sesi que nele investiram U\$ 1 milhão e 600 mil, e tinha como público alvo crianças entre 4 e 6 anos (fase pré-escolar). Foi a primeira produção de porte, em educação e entretenimento, assumida por uma emissora educativa sem a co-produção de emissora comercial. (CARNEIRO, 1997, p.70).

O projeto inicial da série previa a gravação de 192 programas.

Foram 192 programas, a gente tinha programação inédita de segunda a sexta-feira, e no sábado uma edição dos melhores quadros, não tanto dos melhores, mas que dava um resumo bacana do que aconteceu de segunda a sexta-feira. Então foram 155 programas inéditos com 37 reforços que somam 192 programas a série. (Regina Aranha, Informação verbal, 2008).

A proposta do programa aconteceu após almoço de executivos da TV Cultura com presidente da Fiesp. Eles perceberam que a grande maioria das crianças ingressavam no ensino fundamental sem passar pela pré-escola.

Roberto Muylaerte, Presidente da TV Cultura na época, sensibilizou os empresários para que participassem desse projeto. A professora Célia Marques, que era Coordenadora de Departamento de Ensino e Célia Regina, Coordenadora de Programação Infantil, foram as responsáveis pela elaboração do projeto.

Então, surgiu a idéia de um programa que apresentasse conceitos básicos, que deveriam ser aprendidos na pré-escola, e que, ao mesmo tempo, divertisse a criançada. Na década de 80, em São Paulo, só 14% das crianças entravam para o curso primário tendo feito antes a pré-escola, o que resultava num alto índice de repetência e de desistência, pois essas crianças, por falta de conhecimento prévio, não conseguiam acompanhar o ensino. Criava-se situação crítica para a época, e com a dificuldade de se legalizar tantas pré-escolas em pouco tempo, o programa veio justamente ajudar a suprir essa falta de informação e de noções prévias e necessárias ao ato de alfabetizar, propiciando que a criança tivesse contato com alguns elementos básico para chegar à 1ª série e conseguir manter-se na escola. Desse projeto também faziam parte os itens a serem abordados no programa, como lateralidade, coordenação motora simples, coordenação motora ampla, ou seja, todos os aspectos necessários para a criança ingressar no ensino básico e ter



condições de acompanhar a escola, sem dela desistir, porém nunca com a pretensão de substituir a pré-escola e a relação professor - aluno.

A série foi toda idealizada pelo setor de educação da TV Cultura, encabeçado por Célia Regina, que apresentou o projeto pronto à Fiesp. Em princípio o projeto foi chamado de Projeto Pré-Escola e só recebeu o nome de Rá-Tim-Bum depois de concluído e de alguns programas já gravados. O nome foi sugerido por Edu Lobo em um almoço entre produtores, diretores do programa e da TV Cultura.

Foi possível elaborar um projeto que concilia vantagens, potencial e limitações do veículo TV com as imperiosas necessidades de uma educação pré-escolar genuinamente brasileira, capaz não de substituir a educação em estabelecimento próprio, com contatos pessoais entre crianças e entre adultos e crianças, mas com potencialidade de suprir, em parte, a imensa lacuna existente no sistema educacional brasileiro que o deserto da pré-escolarização no país. (Rá-Tim-Bum - Projeto de educação pré-escola por televisão, pg 4. 1989)

Rá-Tim-Bum foi inspirado no programa Catavento, também produzido pela TV Cultura e com a finalidade de levar conhecimentos às crianças, porém com muito menos recursos financeiros, pois anos antes de sua produção a TV Cultura foi vítima de um incêndio que destruiu boa parte de seu material técnico, sobrando para o Catavento somente o jardim da emissora e pequenas câmeras, obrigando os poucos membros da produção, que dirigia e, ao mesmo tempo produzia o programa, tivessem que improvisar com frequência, por exemplo, ao aproveitar a presença e a participação de filhos de funcionários como atores mirins.

O berço do Rá-Tim-Bum é o Catavento, porque essa linguagem direta, câmera solta, toda ela está no Catavento. (Célia Regina, informação verbal, 2008).

A diferença entre o Catavento, primeiro era o dinheiro, porque o Catavento era pobre. O que ele tem de comum, é que os dois programas foram feitos seguindo o currículo oficial da pré-escola. Porque os dois tinham como objetivo, complementar a pré-escola da rede pública. (Flavio de Souza, informação verbal, 2008).

O Rá-Tim-Bum representou inovação no cenário de programas infantis e a sua produção tornou-se referência. Com linguagem audaciosa para a época, o programa exercitou a complexa metalinguagem, considerando que o público-alvo era constituído por crianças, em fase inicial de alfabetização.



A preocupação com imagem, luz e som fez do programa referência mundial, merecendo o prêmio medalha de ouro de melhor programa infantil no Festival Internacional de Cinema e TV de Nova York, em 1990.

No começo, realmente, parecia cinema em cada tomada, cada tape, a luz. (Carlos Moreno, Informação verbal, 2007).

O programa tinha 2100 objetivos pedagógicos determinados (CARNEIRO, 1997, p.68), e um deles era o de apresentar às crianças em fase de aprendizagem noções básicas de raciocínio lógico, matemático, lateralidade, comportamento, percepção visual e auditiva, socialização, entre outros aspectos ligados às áreas cognitivas, sociais e psicomotoras. Apesar dos objetivos pedagógicos, o Rá-Tim-Bum nunca teve a pretensão de substituir a escola, mas sim a de tentar minimizar a carência do público de programas tanto de cunho educativo quanto de informações básicas.

Utilizando os diferentes recursos televisivos existentes, a série pretende servir de apoio ao ensino das crianças em fase pré-escolar, proporcionando, através de situações estimuladoras, condições mais favoráveis para que possam iniciar o processo de alfabetização, ao ingressarem no 1º grau. (Programa Rá-Tim-Bum, material interno, 05/02/1990).

Além de educar, o programa sempre teve a pretensão de ser divertido, pois, mesmo se a criança não compreendesse o conteúdo transmitido, poderia entreter-se com as cenas coloridas na tela.

Cada episódio do Rá-Tim-Bum dura em média 30 minutos e não há personagem principal. A atração exhibe vários quadros introduzidos por vinhetas, resultando num formato fragmentado e ágil. Os quadros tinham uma duração máxima de 3 minutos e, apesar de isolados e dotados de linguagem própria, eles se interligam.

A idéia começou com vários quadrinhos, várias idéias aparentemente sem ligação e depois viu que um programa infantil cabe esse tipo de ligação não linear entre quadros(...) Você pula de um quadro para outro através de um *click*. (Marcelo Tas, informação verbal, 2008).

A cada dia um assunto é explorado, por exemplo, no mesmo episódio os personagens de todos os quadros abordavam sobre noções de lateralidade, lados direito e esquerdo, entre outros.



A gente vê que programa deu certo porque ele tem quadros curtos, e a criança fica presa naquilo, então, quando ela vai se dispersar já tá começando outro e ela chama atenção. Então essa agilidade foi uma inovação na televisão. (Beth Rodrigues, Informação verbal, 2008).

A criação

Um dos autores e roteirista chefe do programa foi Flavio de Souza, que, junto com Fernando Meirelles e com equipe pedagógica da TV Cultura, deu vida ao programa, até hoje reprisado na programação da emissora.

Os roteiros eram divididos entre três escritores: Flavio de Souza, Cláudia Dalla Verde e Tacus (Dionísio Jacob).

O Flavio era o roteirista chefe, ele era o criador, ele que criava todos os personagens. Aí ele passava para a gente as características dos personagens, como funcionavam, as gírias usadas por eles e o jeito de falar de cada um. (Dionísio Jacob, informação verbal, 2007).

A pedagoga responsável, Célia Marques, pautava todos os textos escritos, e a gravação era acompanhada por uma pedagoga. A linguagem precisava ser correta, as palavras deveriam ser grafadas e pronunciadas corretamente não podia usar piadas nem situações que pudessem colocar as crianças em risco, por exemplo, mexer com fogo ou qualquer outra coisa perigosa que as crianças pudessem querer copiar. O setor pedagógico era bem rigoroso com relação ao texto dos quadros.

Tinha uma briguinha entre os roteiristas e as professoras. Elas queriam muito conteúdo pedagógico explícito. E a gente evidentemente estava tentando fazer um programa que as crianças gostassem de ver, não adiantava ficar dando aula, não era um Telecurso (...) O Flavio de Souza começou a ficar mestre em inventar objetivos pedagógicos. Ele inventava uns nomes, qualquer piada e falava: “Isto é socialização, lateralidade, porque tá vendo que o moleque põe a coisa do lado direito da mesa?” (Fernando Meirelles, informação verbal, 2008).

Os quadros eram baseados na cartilha, chamada de bíblia entre os roteiristas, elaborada por equipe de pedagogos e psicólogos da emissora, nela continham várias lições pedagógicas, próprias à fase pré-escolar, que os roteiristas deveriam aplicar nos textos.

Havia muitas reuniões, muitas sugestões e muitas encomendas. A área de criação muitas vezes colidia com a da pedagogia, por isso os



roteiros passeavam muito entre as três áreas. (Cláudia Dalla Verde, informação verbal, 2007).

As pautas eram distribuídas entre os três roteiristas. Cada um consultava a cartilha para ver o que deveria ser usado, por exemplo, a Fada Dalila, um dos personagens, usava sua mágica para apresentar noções de matemática.

Ela tinha preparado o livro com os conteúdos, para cada cena a gente tinha de usar um daqueles conteúdos. (...) Muitas vezes o texto ia para a pedagoga que muitas vezes não aprovava o conteúdo, achava que tal coisa não podia, a TV Cultura é muito séria nessa parte pedagógica. (Dionísio Jacob, informação verbal, 2007).

Após ser escrito, o texto era passado para pedagogos e direção. Havia também grande preocupação com a linguagem, por isso os textos muitas vezes eram discutidos em reuniões com toda a equipe. Havia a preocupação de tratar a criança como única.

Na TV Cultura a linguagem tem que ser gramaticalmente correta, sem gírias. O vocabulário era de acordo com a faixa etária do público, crianças em idade pré-escolar. A abordagem era sempre pessoal. Nunca nos dirigíamos ao público no plural, como 'amiguinhos', 'pessoal'. O programa todo era escrito para uma criança, aquela que estava na frente da tevê. (Cláudia Dalla Verde, informação verbal, 2007).

Os personagens

O programa possuía diversidade muito grande de personagens, cada um com objetivo pedagógico distinto, alguns fixos e outros variados conforme a história do quadro. Exemplo o Senta, que lá vem a história.

Apesar de não haver personagem principal, alguns apareciam com mais frequência e cada personagem era o protagonista do quadro ao qual pertencia.

Na abertura criada por Flávio Del Carlo, uma seqüência divertida e cheia de engrenagens aciona a explosão de um bolo, em seguida, os dizeres Rá-Tim-Bum remetem à idéia de grande festa. A abertura assim como todo o texto, passava pela aprovação do setor pedagógico.



Produção

A produção era organizada por Célia Regina, Regina Aranha, entre outros. A equipe do Rá-Tim-Bum era composta por 450 profissionais, considerado o programa “menina dos olhos” da emissora. Para esse programa a TV Cultura disponibilizava, além da equipe, dois estúdios, 82 cenários diferentes, mais de 800 figurinos e várias câmeras.

Ao todo, foram gastas cinco mil duzentas e dez horas para gravar o programa e três mil e duzentas para editar os episódios. As animações também ganharam destaque dentro do projeto. Foram produzidas três horas de animações, coordenadas por Flávio Del Carlo, com animação em desenho, massinha, entre outros.

O processo de direção era dividido em várias etapas, chegando a fazer parte da direção 17 profissionais, entre eles Clóvis Aidar, Marcelo Tas, Paulo Morelli, Eliana Fonseca e Fernando Meirelles, diretor geral que comandava todos os outros.

Assim como no roteiro não havia um diretor específico para cada quadro, todos colaboravam com tudo, uns se envolviam mais com processo de gravação, outros com edição e finalização do material.

O processo de direção era dividido em várias etapas, chegando a fazer parte da direção 17 profissionais, entre eles Clóvis Aidar, Marcelo Tas, Paulo Morelli, Eliana Fonseca e Fernando Meirelles, diretor geral que comandava todos os outros.

Assim como no roteiro não havia um diretor específico para cada quadro, todos colaboravam com tudo, uns se envolviam mais com processo de gravação, outros com edição e finalização do material.

As gravações funcionavam por personagens, então, num dia gravava-se um número x de esquetes⁶ de um determinado personagem, no dia seguinte mudava-se o personagem. Isso acontecia para facilitar a gravação, portanto se montava um cenário e trabalhava-se nele a semana toda.

Depois, a edição cuidava de encaixar os quadros de acordo com o tema daquela edição do programa. O Rá-Tim-Bum também usou um novo conceito de utilizar câmeras nas filmagens. A palavra de ordem era inovar e a câmera deixou de ocupar o tripé e gravar simplesmente parada. Para imprimir mais interatividade entre criança e personagem, usava-se trazer a câmera até o personagem, ou começar filmando por cima, como acontece com frequência nos quadros da Nina e do Professor Tibúrcio.

⁶ Esquetes – são quadros, cada esquete corresponde a um quadro do programa.



O programa tinha uma curiosidade impar: toda equipe de direção, produção, etc, precisava fazer uma ponta no programa, fosse personagem ou simplesmente figurante.

Todos nós aparecemos no programa, sem exceção. Todo mundo fez uma pontinha, essa foi uma característica engraçada do programa. Quando chegamos na última gravação do “Senta, que lá vem a história”, eu ainda não tinha participado. Então, criaram um papel para mim como Rosemary, da família Gorgonzola. (Regina Aranha, informação verbal, 2008).

A trilha sonora foi dirigida por Edu Lobo, com letras de César Pinheiro, Joyce e Capinam e ainda com arranjos dos maestros Chiquinho de Moraes e Cristóvão Bastos. Cada quadro tem sua trilha sonora especial.

O Rá-Tim-Bum foi uns dos primeiros programas a usar *fad*⁷ branco. Os efeitos especiais e as animações também eram fortes destaques do programa. Foi um dos primeiros a ter animação com sombra, um dos quadros que mostra isso é o do Zero e Zero Zero, pois quando a nave passa pela rua é possível ver sua sombra no chão.

Apesar de pouca tecnologia na época, e por se tratar de TV pública, a Cultura caprichou nos efeitos visuais, como por exemplo, no personagem Professor Tibúrcio, que não tem espaço definido.

E a espacialidade do Professor Tibúrcio, onde ele está? Voando? Está onde? (Beth Rodrigues, informação verbal 2008).

O Resultado

O Brasil, pelo próprio modo como foi colonizado, sempre à sombra de alguma outra nação potência que lhe ditava o que fazer. Portugal, até o séc. 18, França séc. 19, Estados Unidos (séc. 20 e 21) nunca deu muito valor ao que lhe é próprio, às suas raízes, às suas tradições, nem teve quem estimulasse seu povo a dar valor aos estudos, à cultura, ao saber, às escolhas do que realmente convém para os costumes, a felicidade, a moral e a ética. Logo, apostar em programas educativos era a certeza de perder as apostas. Programas infantis então eram só sofisticções, fantasias e filmes importados, sem qualquer vestígio de nossas tradições e de nossa memória. Somente depois da incrível decadência do ensino público brasileiro, após a Lei 5.692 de setembro de 1971,

⁷ *Fad* são as divisões entre quadros, geralmente se usa o *fad* na cor preta.



para viger em 72, é que programas infantis apenas fantasiosos, como o da Xuxa, transmitido pela Manchete de 1983 a 1986 e depois pela Rede Globo de 1986 até hoje, pensaram em incluir em seu roteiro algum ensinamento às crianças

Já, a TV Cultura fez sérios investimentos, reunindo equipe multidisciplinar, para preparar notáveis programas infantis, remodelados, de modo a permitir o prazer de refletir e de aprender valores já perdidos pelas famílias e pelas escolas. Por isso o programa ganhou prêmios e atizou a vontade da criançada de, pelo menos, tentar mudar um pouco de foco.

O resultado é um programa genuinamente brasileiro, feito por uma emissora pública, com verbas do setor privado, que atingiu pontos consideráveis no IBOPE, se comparado aos demais programas apresentados pela mesma emissora, e se comparado a outros programas de emissoras abertas, cujo intuito não era o de levar aprendizagem à infância, e sim, mero consumo.

Outro ponto a ser abordado é o fato de o programa ser um dos únicos a não ser comercializado pela marca Cultura. Devido a problemas de direitos autorais, a produção acabou não sendo comercializada, o que dificulta que a atração alcance novas crianças, mesmo ainda que veiculado na TV Cultura e na TV Rá-Tim-Bum.

Outro fator importante do programa é o fato de ter sido gravado em apenas um canal, o que o impossibilita de ser dublado e, portanto, de ser vendido a outro país.

Considerado moderno por muitos, o Rá-Tim-Bum inovou na sua época, porém, ainda hoje atinge seus objetivos. Rodeado de efeitos, o programa utiliza linguagem moderna até hoje e ainda estimula as crianças a assistirem a ele.

O programa gerou vários frutos, como as séries Castelo e Ilha Rá-Tim-Bum; o primeiro virou filme e, apesar de diferente em relação à estrutura, já que o Castelo traz elenco fixo e história linear, todos têm o mesmo objetivo, ou seja, a educação infantil.

O Rá-Tim-Bum abriu uma porta para a gente aqui no Brasil de como pode ser um programa infantil com idéias totalmente originais brasileiras nossas. O Castelo começou para ser uma continuação do Rá-Tim-Bum. A gente até trabalhou para fazer uma continuação, mas naturalmente depois a gente foi criando outro programa, com outros personagens, mas a base toda estética e que de certa forma do conceito e ética veio muito do Rá-Tim-Bum. O Castelo nunca existiria sem o Rá-Tim-Bum. (Cao Hamburger, informação verbal, 2008)

Rá-Tim-Bum foi sucesso, e ainda hoje é exibido pela TV Cultura de segunda a sexta-feira às 15h30 e aos sábados às 13h15. A série ainda gerou um canal de TV a cabo



exclusivo para o público infantil, que além de reprisar o Rá-Tim-Bum, reapresenta outros sucessos da emissora, como Cocoricó, X Tudo, Castelo Rá-Tim-Bum entre outros.

A mistura da equipe, do elenco, da idéia, daquela conjuntura. Tanto deu certo que hoje tem a TV Rá-Tim-Bum com isso eu me sinto muito envaidecido. (Fernando Meirelles, informação verbal, 2008).

Referências Bibliografia

AIDAR, Clóvis. **Clóvis Aidar**: depoimento [nov.2007]. Entrevistadores: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2007. Áudio MP3 (15 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

AIDAR, Clóvis. **Clóvis Aidar**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (17 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

ANCHIETA, Fundação Padre. **Rá-Tim-Bum - Projeto de educação pré-escola por televisão**. 48f. Centro Paulista de Rádio e TV Educativa. Consultoria de Educação. TV Cultura, São Paulo, 1989.

ARANHA, Regina. **Regina Aranha**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (85 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **O educativo como entretenimento na TV Cultura**: Castelo Rá-Tim-Bum, um estudo de caso. 1997. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CONTIER, Paulo. **Paulo Contier**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (16 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.



DEL CARLO, Flávio. **Flávio Del Carlo**: depoimento [abr. 2008]. Entrevistadores: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (37 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

FACCHINI, Roney. **Roney Facchini**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra Viana. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (18 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

FERNANDES, Adriana Helena Araújo. **Qualidade na TV infanto-juvenil**: Os critérios de avaliação de qualidade em programas televisivos infanto-juvenis ao redor do mundo hoje. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005

FONSECA, Eliana. **Eliana Fonseca**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (39 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

GIANOUKAS, Grace. **Grace Gianoukas**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra Viana. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (22 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

GREENFIELD, Patrícia Marks. **O Desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica**: os efeitos da TV, computadores e videogames. Tradução de Cecília Bonaine. São Paulo: Summus, 1988.

HAMBURGER, Cao. **Cao Hamburger**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistadores: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (9 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

JACOB, Dionísio. **Dionísio Jacob** depoimento [nov.2007]. Entrevistadores: Andréia Maria, Renata Dutra e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Áudio MP3 (14 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.



JACOB, Dionísio: **Dionísio Jacob**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra Viana. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (19 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

JAMRA, Iara. **Iara Jamra**: depoimento [out,2007]. Entrevistadores: Diogo Gusmão, Renata Dutra e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2007. Áudio MP3 (24 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

JAMRA, Iara. **Iara Jamra**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Andréia Maria da Silva. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (22 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

MANSFIELD, Marcelo. **Marcelo Mansfield**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistadores: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (12 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

MARQUES, Célia. **Rá-Tim-Bum estréia. Aprender é divertir**. São Paulo 05 de fev. 1990. Material interno da TV Cultura. Fundação Padre Anchieta.

MEIRELLES, Fernando. **Fernando Meirelles**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (33 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

MORENO, Carlos. **Carlos Moreno**: depoimento [out. 2007]. Entrevistadores: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2007. Fita de MiniDv (17 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

MORENO, Carlos. **Carlos Moreno**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (17 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

RIBEIRO, Márcio. **Márcio Ribeiro**: depoimento [out.2007]. Entrevistadores: Diogo Gusmão e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2007. Áudio MP3 (18 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.



ROCHA, Ivan. **Ivan Rocha**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (85 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

RODRIGUES, Beth. **Beth Rodrigues**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra e Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (85 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

SANTOS, Célia Regina F. **Célia Regina F. Santos**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Renata Dutra Viana. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (50 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

TAS, Marcelo. **Marcelo Tas**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (40 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.

TV Cultura. **Dados do programa e da Fundação Padre Anchieta**. Disponível em <[http:// www.tvcultura.com.br](http://www.tvcultura.com.br)> em 30 ago. 2007.

VERDE, Cláudia Dalla. **Cláudia Dalla Verde**: Entrevista. Mensagem recebida por: roseanealbuquerque@ibest.com.br em 05 out. 2007.

VERDE, Cláudia Dalla. **Cláudia Dalla Verde**: depoimento [mar. 2008]. Entrevistador: Roseane Albuquerque. São Paulo – SP, 2008. Fita de MiniDv (27 minutos). Entrevista concedida aos pesquisadores.